

Assentamentos Rurais e Rearranjo das Atividades Terciárias em Teodoro Sampaio.

O Trabalho em Questão [1]

Renata Cristiane Valenciano*

O processo de exploração e expropriação dos trabalhadores como gênese da luta pela terra e dos conflitos agrários no Pontal do Paranapanema.

O processo de enfrentamento entre sem-terras e fazendeiros desencadeado no Pontal do Paranapanema, envolveu desde o princípio conflitos violentos, muitas vezes armados. Esse quadro reflete o caráter tenso da reforma agrária que se instalou não só no Pontal, mas em todo país. Todas as grandes inquietações (conflitos) cada vez mais numerosas, são determinadas pelo processo de expropriação da terra. Já as inquietações presentes nas cidades são determinadas pelo processo de exploração dos trabalhadores pelo capital.

Os processos sociais que envolvem esse conjunto de inquietações são diferentes; portanto, envolve classes sociais diferentes. Dada essa visão a respeito do processo pelo qual se chega aos conflitos, se faz necessário nesse momento, justificar que força envolve os trabalhadores do campo, que são nesse momento, objeto das nossas atenções. Esses trabalhadores sempre se defrontaram com outra realidade quando desempenhavam suas funções no campo, por estarem muitas vezes isolados e envolvidos pelo referencial individual. Esses trabalhadores somente poderão se organizar, se uma força exterior (social), uma condição social, atingir a todos igualmente. Essa força é o capital.

Quando os trabalhadores são arrancados da terra, quando passam a não ser proprietários de nada, apenas de sua força de trabalho, é que se descobrirão como membros dessa classe. Nesse momento se funde a classe trabalhadora urbana e a rural, pois a mesma força que explorou os trabalhadores urbanos, expropria o trabalhador rural. O processo e a forma como são explorados e expropriados é desde o princípio distinta, mas o resultado desse processo, para ambas as partes, desemboca na insatisfação e revolta desses trabalhadores.

Essa classe que veio a se formar, se organizar e desempenhar uma luta pela reforma agrária no Pontal do Paranapanema, é constituída por trabalhadores rurais de experiências distintas. São parceiros, meeiros, bóias-frias, ex-proprietários (pequenos produtores), e trabalhadores urbanos. A região do Pontal foi e atualmente se mantém num quadro de empobrecimento, que foi gerado por um agravamento econômico por conta da emancipação do latifúndio. O estrangulamento da pequena propriedade, por sua vez, está intimamente associado á expansão das pastagens. A atividade da pecuária disseminou-se por muitas, senão todas, as grandes propriedades (em grande parte, latifúndios) do Pontal. Esse quadro atual de empobrecimento, sem dúvida nenhuma, se agravou por conta dessa concentração fundiária que massacrou as pequenas propriedades, que expropriou os trabalhadores...

Resultado desse processo, os conflitos entre fazendeiros e sem-terra, agravou-se nessa década de 90. A onda de violência que marcou o Pontal assegurou em grande parte, a expulsão desses trabalhadores. Violências de toda ordem têm sido cometidas contra essas pessoas para assegurar a sua expulsão da terra. Foi comprovado amplamente o envolvimento de jagunços e pistoleiros. Muitos trabalhadores, infelizmente, foram recebidos a bala quando tentavam fazer uma ocupação. Esse quadro ainda se mantém ativo.

Em alguns municípios, o clima tenso entre sem-terras e fazendeiros, perpetua até hoje. A substituição da lavoura pela pecuária, expulsou uma série de trabalhadores que, em grande parte, se dirigiu para as cidades, á procura de oportunidades de trabalho, muitas vezes inexistentes. Passaram desde então, a engrossar a massa marginalizada que vive em condições subumanas. O capital que expropriou esses trabalhadores transformou-os em proletariados, que não tem outra coisa a fazer a não ser vender sua força de trabalho. Mas esses mesmos trabalhadores encontram hoje dificuldades em conseguir emprego. Esse novo

quadro formado depois da expropriação não absorve essa mão-de-obra. Ao mesmo tempo em que aumenta o número de expropriados, cresce a procura por emprego. Não todavia na mesma proporção. O grande estímulo que se deu à expansão de pastagens também causou desemprego, visto que uma grande extensão de terra pode ser facilmente cuidada por poucos trabalhadores.

Quando essa expropriação não ocorreu diretamente, nem por isso o grande capital deixa de se fazer presente, estrangulando economicamente os pequenos lavradores. Os que não resistiram a essas diferentes pressões e agressões, transformaram-se em proletários, em trabalhadores a procura de trabalho, não só no campo, mas também na cidade.

Situação cada vez mais grave é a dos bóias-frias. As oportunidades de emprego são sazonais, o que os impede de trabalhar todos os meses do ano. Não é por acaso, que os sem-terra são constituídos em grande parte, por esse tipo de trabalhador. A alta concentração fundiária, que é característica fundamental de grande parte das propriedades do Pontal, juntamente com a maciça expropriação e exploração dos trabalhadores, são constituintes básicos que deram impulso a luta pela reforma agrária na região. O Pontal do Paranapanema é hoje um dos principais focos de enfrentamento entre sem-terras e fazendeiros.

O município de Teodoro Sampaio está inserido nesse contexto de transformações. De forma geral, segundo informações do Censo Agropecuário (IBGE, 1998), os estabelecimentos com mais de mil hectares absorveram apenas 12,3% do pessoal ocupado no campo em 1995. Em contrapartida, a produção agropecuária de base familiar absorveu grande parcela de mão-de-obra: 61,4% dos estabelecimentos utilizaram apenas trabalho familiar, o que permitiu a ocupação de 301.980 pessoas em 1995, ou seja, 32,99% do total ocupado.

Com base nesses números que, abordam a situação de emprego no campo de uma forma abrangente, podemos visualizar a importância da agricultura familiar. Desses números apresentados, os assentamentos rurais incorporam uma pequena parcela dessa produção, o que aponta para a sua influência no fortalecimento desse modo de produção. Podemos analisar os conflitos agrários relacionando-os com fatores de maior abrangência, como foi citado anteriormente. É grande o número de processos que envolvem a sociedade e que dão uma conformação no campo das relações sociais e econômicas.

Porém, é no plano local que esses conflitos agrários acontecem e vão ganhando dimensões cada vez maiores. Já que a mobilização dos trabalhadores rurais para lutar pela reforma agrária se inicia com a identificação de áreas devolutas, é pertinente chamar a atenção para o que caracterizou o Pontal do Paranapanema, como sendo um dos principais focos de luta pela reforma agrária: a imensidão de terras devolutas e latifúndios improdutivos. A conquista dessas terras se intensificou na década de 90, pela transformação dessas áreas em assentamentos rurais.

Do total de famílias assentadas em todo Estado de São Paulo, cerca de 60% encontram-se no Pontal. Desse número de famílias, 60% o foram a partir de 1995. Segundo lideranças do MST, só em 1997 5 mil famílias estavam acampadas reivindicando a formação de assentamentos. A expectativa para os próximos anos, ficava em torno de duas mil famílias para serem assentadas. Mas esse processo já havia se iniciado há algum tempo em outras áreas do Estado de São Paulo a partir da década de 60, o que indica que esse processo no Pontal é recente, sobretudo no município de Teodoro Sampaio.

Cabe assinalar nesse momento, que todo esse conjunto de transformações ocorridos no campo, encontram-se ligadas a fatores que também provocaram mudanças nas cidades. O resultado do projeto de reforma agrária, reflete uma série de reformulações com relação à economia. Um novo perfil de produção começa a ganhar impulso: agricultura familiar. Como já foi descrito acima, percebe-se a importância e abrangência que a agricultura familiar representa para as famílias sem-terra. Um contingente de trabalhadores que antes viviam engrossando a camada dos miseráveis, hoje estão se inserindo nesse novo contexto, através desse modelo de produção, que até então, não se evidenciava por conta da enormidade de latifúndios existentes no Pontal.

Os desdobramentos da luta pela terra, e seus rebatimentos para as atividades urbanas em Teodoro Sampaio

A cidade de Teodoro Sampaio é considerada atualmente como sendo a “capital da Reforma Agrária”. Entende-se por isso, que esta cidade encontra-se inserida nesse processo de forma especial, sendo hoje um dos principais focos representativos da luta pela terra no Pontal do Paranapanema.

Todo o histórico fundiário que caracterizou o Pontal como sendo uma das regiões mais pobres do Estado de São Paulo, trouxe rebatimentos profundos que assinalaram para uma situação gritante de pobreza. Segundo dados da FACESP/Ano Base 98, Teodoro Sampaio tem um índice percentual de participação muito baixo: 0,05706585. Seguindo destes dados temos como valor de Receita Tributária: 357.029, e uma Área Cultivada de: 87.397,00 (há).

Já é considerável a aceitação e compreensão de grande parte da população teodorenses, sobretudo dos comerciantes, de todas as potencialidades que a Reforma Agrária e a viabilização dos assentamentos podem trazer no decorrer desse processo para a cidade. Segundo dados coletados no Setor de Tributação da Prefeitura Municipal de Teodoro Sampaio, os setores do comércio que vem tendo um crescimento considerável, são aqueles ligados à alimentação básica e as mecânicas/oficinas e lojas de acessórios para carros em geral. O crescimento desse último já era esperado a muito, já que uma das necessidades desse novo contingente de pessoas que se encontram no campo, é dispor de um meio de transporte que viabilize sua ida à cidade. E esses meios nem sempre são de qualidade ou são veículos novos, visto que a condição econômica desses trabalhadores não proporciona a eles, a aquisição desse tipo de veículo.

Temos portanto, através de inúmeras evidências, a confirmação do crescimento de determinadas casas comerciais da cidade. Outro setor da área comercial, que da mesma forma chama atenção por seu crescimento, é o da alimentação. Os mercados, em especial as pequenas mercearias e empórios, tiveram desenvolvimento acentuado, como mostram os números. Os produtos oferecidos nesses empórios e mercearias são de alimentação básica, que pode ser considerada como outra prioridade para os trabalhadores que transitam por todo município e região.

Os bazares são outra modalidade do qual também já se esperava que houvesse um aumento. Todos os produtos oferecidos são muito variáveis, tanto em qualidade como em preço, o que se torna um atrativo para a população de baixa renda. Lojas de eletrodomésticos e móveis, aos poucos vem ganhando a atenção da população, pois o que se sabe sobre os assentamentos rurais de Teodoro, é que são de formação muito recente, e não possuem uma infraestrutura consolidada. Caso tivesse, a procura por esses aparelhos e móveis seria bem maior. Mas a tendência observada pelos próprios comerciantes, é que esse quadro comece a mudar, com o estabelecimento dessas famílias na terra, e que a procura por esse tipo de produto e outros, se acentue nos próximos anos.

Além do crescimento de várias casas comerciais, os reflexos da formação dos assentamentos recai sobre muitos outros fatores. Num primeiro momento, é clara a preocupação tanto de líderes do MST, quanto da Administração Pública, e Associações em geral (especialmente Associação Comercial), em conscientizar a população de todos os benefícios que brotarão desse processo. O esforço entre as partes envolvidas, não se resume somente nesse plano, mas sim, em alargar essas relações, visto que os assentamentos rurais, e a produção vinda da agricultura familiar, serão a base sustentadora de toda região do Pontal do Paranapanema, especialmente o Município de Teodoro Sampaio.

Bibliografia:

ANTUNES, R. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez; Campinas/SP: UNICAMP, 1998.

FERNANDES, B. M. *MST: Formação e territorialização*. São Paulo: Hucitec, 1996.

GORGEN, F.S.A & STÉDILE, J.P. (orgs.) **Assentamentos: a resposta econômica da reforma agrária**. Petrópolis: Vozes, 1991.

GUANZIROLI, C. e MEDEIROS, L.S. *Assentamentos Rurais*. Uma visão multidisciplinar. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

MARTINS, J.S. *A chegada do estranho*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. J.S. *Expropriação e Violência: a questão política do campo*. São Paulo: Hucitec, 1980.

MEDEIROS, L.S. e LEITE, S. *A formação dos Assentamentos Rurais no Brasil: Processos sociais e políticas públicas*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Ed. Universidade/UFRGS/CPDA, 1994.

MÉSZÁROS, I., “A Ordem do Capital no Metabolismo social da Reprodução”. **Ensaio Ad Hominem** 1. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999, p. 83-124.

RIBAS, A. D. & THOMAZ JR., A. A Importância Tático-Estratégica do Cooperativismo no Raio de Atuação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). **Revista Geografia em Atos**, n.2, v.2, Departamento de Geografia/FCT/UNESP. Presidente Prudente, 2000. (no prelo).

STÉDILE, J.P. **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

THOMAZ JR., A. Território em Transe. *Actas del Seminario Internacional sobre Perspectivas del Desarrollo en Iberoamérica*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico, 1999.

_____. “A Trama Societária da Reestruturação Produtiva e Territorial do Capital na Agricultura e os Desdobramentos para o Trabalho. (Noções Introdutórias). In: *O Pensamento de Milton Santos e a construção da Cidadania em Tempos de Globalização*. Organização: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB/Bauru). Bauru, 2000.

[1] Este texto é produto das reflexões iniciais do Projeto de Pesquisa em nível de Estágio não Obrigatório “As Implicações dos Assentamentos Rurais no Rearranjo das Atividades Terciárias em Teodoro Sampaio. O Trabalho em Questão”, sob orientação do Professor Antonio Thomaz Júnior. Período: a partir de março a julho de 2000. Prorrogação: agosto a novembro de 2000. Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT).

* Estudante do segundo ano do curso de Geografia da FCT/UNESP/UNESP e membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT).
E-Mail: rencvalenciano@hotmail.com